

COLEÇÃO  
*Júlio Verne*

---

# VIAGEM AO CENTRO DA TERRA





# VIAGEM AO CENTRO DA TERRA

2ª Edição

 EDITORA  
RIDEEL

## EXPEDIENTE

PRESIDENTE E EDITOR	Italo Amadio
DIRETORA EDITORIAL	Katia F. Amadio
ASSISTENTE EDITORIAL	Edna Emiko Nomura
ADAPTAÇÃO	Margareth Fiorini
ILUSTRAÇÕES DE CAPA	Susy Braz Reijado
REVISÃO	Tiago Sliachticas
NOTAS DE RODAPÉ	Mônica Hamada
ROTEIRO DE LEITURA	Ana Tereza Pinto de Oliveira
EDIÇÃO DE ARTE	Hulda Melo
DIAGRAMAÇÃO	Denilson dos Santos
PRODUÇÃO GRÁFICA	Hélio Ramos
IMPRESSÃO	Leograf Gráfica e Editora Ltda.

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

VIVEROS, LILIAN CRISTINA, 1964

COLEÇÃO JULIO VERNE / JULIO VERNE; ADAPTAÇÃO LILIAN CRISTINA VIVEROS. – 2. ED.  
– SÃO PAULO: RIDEEL, 2009.

CONTEÚDO: CINCO SEMANAS EM UM BALÃO – MIGUEL STROGOFF – VIAGEM AO CENTRO  
DA TERRA

1. LITERATURA INFANTO-JUVENIL 2. VERNE, JULES, 1828-1905 I. TÍTULO.

09-01445

CDD-028.5

ISBN: 978-85-339-1179-6

© Copyright - Todos os direitos reservados à



Av. Casa Verde, 455  
Santa Terezinha - São Paulo - SP  
CEP 02519-000  
www.rideel.com.br  
e-mail: sac@rideel.com.br



Proibida qualquer reprodução, seja mecânica  
ou eletrônica, total ou parcial, sem prévia  
permissão por escrito do editor.

1 3 5 7 9 8 6 4 2  
0 4 0 9

# *Prefácio*

Precursor da ficção-científica, Júlio Verne revela sua importância pela maneira como compreendeu o mundo em que vivia, a ponto de antever várias das descobertas científicas que se concretizariam somente no século XX, como o submarino ou a viagem à lua.

Suas aventuras entretêm adolescentes de todo o mundo há gerações, levando seus leitores à viagens espetaculares.

Seu realismo advém de sua estrutura baseada sobre seu conhecimento científico e sobre sua habilidade em construir personagens singulares.

Ler Júlio Verne é vislumbrar a perplexidade do homem do século XIX diante do mundo que se descortinava à sua frente, é viver a emoção das novas descobertas na companhia de homens intrépidos numa nova expedição rumo ao desconhecido, é, finalmente, conhecer todos os recônditos da Terra.

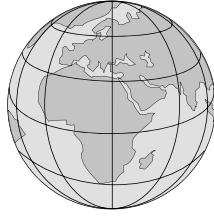
Esta coleção traz as obras deste notável autor com texto adaptado de forma a agilizar a leitura sem prejudicar o desenvolvimento de suas narrativas.

Ao rodapé das páginas foi incluído um glossário em que também constam fatos históricos e coordenadas geográficas para facilitar a compreensão dos textos e sua localização espaço-temporal.

Além disso, um Roteiro de Leitura que, preenchido, resultará num pequeno resumo da obra.

Esperamos, desta forma, resgatar a obra deste autor, difundindo-o entre todos os brasileiros.





**E**ra 24 de maio de 1863, um domingo, e o meu tio, o professor Lidenbrock, voltou mais cedo para a sua casa.

Situada em Königstrasse, um velho bairro de Hamburgo, a casa era pequena, metade feita em madeira, metade em tijolo. Nela habitavam, além de mim e do professor, sua afilhada Grauben, de 17 anos — também minha noiva — e Marta, a cozinheira.

Mal o professor chegou e meu nome foi pronunciado.

— Axel! — gritou. — Venha cá!

Fui correndo para o gabinete<sup>1</sup> deste meu terrível tutor<sup>2</sup>. Não que Otto Lidenbrock fosse um homem mau, mas podia-se dizer que era uma pessoa excêntrica<sup>3</sup>. Era professor de mineralogia<sup>4</sup> em Johannaem. Dava aulas subjetivamente, ou seja, para si e não para os outros. Um sábio egoísta, um avarento. Devido a uma deficiência de expressão ao falar em público, muitos de seus alunos compareciam às aulas esperando sempre pelos tropeços do professor. Na mineralogia há muitas palavras de origem grega ou latina, difíceis de serem pronunciadas, e, de repente, o professor se calava diante delas e fazia um grande esforço para pronunciá-las corretamente.

<sup>1</sup> **Gabinete:** escritório.

<sup>2</sup> **Tutor:** aquele a quem se confia a tutela de menores; protetor.

<sup>3</sup> **Excêntrico:** extravagante; esquisito.

<sup>4</sup> **Mineralogia:** parte da História Natural que trata dos minerais.



Apesar disso, ninguém duvidava de sua sabedoria. E eu me dava bem em sua companhia, mesmo com suas impaciências.

Apressei-me em ir ao gabinete desse homem alto, magro, de olhos azuis e cabelos louros, que usava óculos e dispunha de uma excelente saúde, o que diminuía uns dez anos dos seus 50.

Entrei em seu gabinete. Era um verdadeiro museu com as mais belas preciosidades do reino mineral, mas, nesse momento, eu só pensava em atender a meu tio.

— Que livro! Que livro! — exclamava ele. — Venha ver este tesouro.

Lembrei-me então de que livros raros ou ilegíveis tinham muito valor para meu tio. Fingi uma certa admiração, mas não compreendia seu entusiasmo e não pude deixar de perguntar o conteúdo daquele volume.

— É a crônica dos príncipes noruegueses, Heims-kringla, obra do famoso autor finlandês Snorre Turleson. Trata-se de livro original, na língua islandesa — falou-me entusiasmadíssimo.

Contou-me um pouco mais sobre o livro e me instruía sobre coisas pelas quais eu não tinha o menor interesse. De repente, um pergaminho<sup>5</sup> imundo deslizou do livro e caiu no chão, fazendo meu tio calar-se.

O pergaminho trazia caracteres incompreensíveis, nos quais não encontrávamos um significado. O professor Lidenbrock, conhecido como um verdadeiro

<sup>5</sup> Pergaminho: pele de carneiro, de ovelha ou de cordeiro, preparada com alume, especialmente para nela escrever coisas que se quer conservar por muito tempo.



poliglota<sup>6</sup>, tinha diante de si um enorme problema. Meu tio não compreendia nada do que estava escrito naquele papel. Essa dificuldade fez com que ele, pela primeira vez, deixasse de jantar.



A cozinheira Marta não podia crer. Mas eu aproveitei para comer por mim e por ele. Quando já estava na sobremesa, uma voz retumbante<sup>7</sup> arrastou-me de volta ao gabinete.

Ao entrar, encontrei o professor preocupado.

— Trata-se de escrita rúnica<sup>8</sup> — disse-me ele. — Aqui deve haver um segredo e eu tenho que descobri-lo.

Por mais que quisesse, não tinha condições de oferecer ajuda naquela decifração. Estávamos diante de um criptograma<sup>9</sup>, e para meu tio aquelas letras misturadas ao acaso, se fossem dispostas de outra maneira, formariam uma frase inteligível.

Meu tio voltou para o pergaminho. Comparou o manuscrito<sup>10</sup> com o livro e concluiu que a escrita do pergaminho era de aproximadamente 200 anos depois do livro. Logo, deduziu que um dos ex-proprietários do livro era o autor daquele texto. Foi preciso mais um pouco de observação e, no verso da segunda página do volume, a de rosto, meu tio encontrou caracteres que formavam um nome: Arne Saknussem.

— Trata-se de um alquimista<sup>11</sup> — exclamou. — Será que Saknussem escondeu alguma invenção neste criptograma?

<sup>6</sup> **Poliglota:** aquele ou aquela que sabe ou fala várias línguas.

<sup>7</sup> **Retumbante:** estrondosa.

<sup>8</sup> **Rúnica:** escrita alfabética usada pelos povos germânicos desde cerca do séc. III até, mais ou menos, o séc. XIV.

<sup>9</sup> **Criptograma:** escrita em caracteres secretos.

<sup>10</sup> **Manuscrito:** obra escrita a mão.

<sup>11</sup> **Alquimista:** aquele que cultiva a Alquimia, a química da Idade Média e da Renascença, que procurava, sobretudo, descobrir a pedra filosofal e o elixir da longa vida.



Concordei com ele, mesmo desconhecendo os motivos que o sábio teria para esconder uma descoberta. A imaginação de meu tio não parava um segundo.

— Descobrirei esse segredo. Não dormirei nem comerei enquanto não decifrá-lo. — Fez uma pausa e acrescentou: — E você também, Axel.

A partir desse momento utilizamos vários recursos para tentar descobrir o que aquele amontoado de letras significava. Lemos na vertical, de trás para frente, e nada! Nada fazia sentido.

A irritação tomou conta do professor Lidenbrock, que saiu desesperado para a rua. Marta assustou-se ao vê-lo sair. Quis saber se nós ceariamos, mas fui avisando-a de que só comeríamos quando descobríssemos a tradução para aquela escrita. Ela voltou para a cozinha alarmada.

Fiquei no gabinete, pois meu tio poderia voltar a qualquer momento. Fiz um pouco de hora, porém o criptograma também não saíra de minha cabeça. Tentei, mais uma vez, redistribuir as letras, e elas continuavam sem sentido nenhum.

Meu cérebro ardia e meus olhos não aguentavam mais. Precisava de ar, e peguei o pergaminho para abanar-me. Qual não foi minha surpresa quando, nas costas da folha de papel, vi aparecerem palavras legíveis, de origem latina, como craterem<sup>12</sup> e terrestre? Havia descoberto o segredo! Nesse momento o espanto e o terror me dominaram. Não era possível que um homem tivera a audácia de penetrar...

<sup>12</sup> Craterem: do latim cratera.

— Não! — gritei. — Meu tio não pode ter conhecimento sobre essa tal viagem... Também a faria, e nós jamais voltaríamos.



Meu tio não deveria saber do conteúdo daquele papel, mas, conhecendo bem seu temperamento<sup>13</sup>, sua insistência e capacidade, ele também decifraria o enigma. Era preciso fazer algo. Achei que a melhor forma para evitar que ele descobrisse era queimar o papel. Quando levantei para fazer isso, meu tio abriu a porta do gabinete.

Olhei para ele e percebi que a ideia de decifrar o criptograma se tornara uma obsessão. Sua fisionomia era a de um homem preocupado. Passou três horas escrevendo fórmulas algébricas e combinações. Causou-me pena vê-lo naquele estado, porém não devia revelar a chave do enigma. Nada o deteria para ir lá. Ele arriscaria a própria vida para fazer o que outros geólogos ainda não haviam feito. Zelando pela sua vida, preferi calar-me.

O tempo passava e meu tio não deixou de trabalhar um segundo. Sua atitude fez-me refletir sobre meus atos. Mesmo que mostrasse a fórmula que traria a tradução do criptograma, poderia convencer meu tio a não partir e, talvez, ele até não acreditasse na veracidade<sup>14</sup> de tal documento. Resolvi, então, contar-lhe:

— Meu tio? — chamei.

— O que você quer, Axel? — disse ele sem me dar muita importância.

— A chave...

— Que chave?

<sup>13</sup> **Temperamento:**  
caráter; gênio; índole.

<sup>14</sup> **Veracidade:**  
qualidade do que é verdadeiro; exatidão.



— A chave... a chave do documento.

Não foi preciso dizer mais nada. Seus olhos faziam um único pedido. Acenei com a cabeça e disse:

— Sim... é essa a chave...

— O que você quer dizer? — perguntou-me emocionado.

Apresentei-lhe a folha na qual estava a frase decifrada. Ao olhar, ele respondeu gritando:

— Isso não significa nada!

— Não se lermos pelo princípio, mas pelo fim...

Um sorriso surgiu no seu rosto e, com a voz comovida, ele leu o documento que estava escrito em latim. Traduzindo:

“Desce na cratera de Yocul de Sneffels que a sombra do Scartaris vem acariciar antes das calendas<sup>15</sup> de julho, viajante audacioso, e chegarás ao centro da Terra. O que eu fiz. Arne Saknusemm.”

Ao mesmo tempo o professor Lidenbrock teve sentimentos de audácia, alegria e convicção. Quando seus nervos acalmaram, ordenou-me que após o jantar eu arrumasse a mala dele.

— O quê? — assustei-me.

— E a sua também — disse-me, indo em direção à sala de jantar.

Assim começavam os preparativos para essa aventura. Durante o jantar conversamos mais sobre a viagem, que deveria ficar em sigilo<sup>16</sup>. Foi aí que tentei fazê-lo desistir dessa loucura.

<sup>15</sup> **Calendas:** na Antiguidade, o primeiro dia de cada mês romano.

<sup>16</sup> **Sigilo:** segredo.

— Afinal — disse eu —, quem garante que Arne Saknussemm realizou tal aventura?

— Verificaremos sua hipótese — foi o que o professor me disse.

Como ainda não o convencera, desafiei-o perguntando o significado de Yocul, Sneffels e Scartaris.

Através de um mapa da Islândia ele me explicou tudo, sem nenhuma dificuldade.

— Axel, vê esses vulcões? Todos eles têm o nome de Yocul, que significa “glaciar”<sup>17</sup>. Na elevada altitude da Islândia, a maior parte das erupções se faz através das camadas de gelo.

As explicações não pararam aí. E ele continuou:

— Sneffels é uma montanha com a altura de cinco mil pés<sup>18</sup>, uma das mais notáveis da Islândia.

— E o que significa Scartaris?

Ele ficou pensativo e por alguns momentos cheguei a experimentar uma esperança de que não haveria resposta. Minha satisfação durou menos de um minuto.

— Saknussemm teve muito cuidado com sua descoberta. Como o Sneffels é formado por várias crateras, havia necessidade de que ele indicasse por qual delas se poderia descer ao centro da Terra. Observou que nos últimos dias de julho, as calendas desse mês, um dos picos da montanha, o Scartaris, projetava a sua sombra até a abertura da cratera em questão, e colocou o fato no seu documento.



<sup>17</sup> **Glaciar:** geleira.

<sup>18</sup> **Pés:** medida inglesa de comprimento, que se divide em 12 polegadas e equivale, aproximadamente, a 30,48 cm no sistema métrico decimal.



Nada que eu pudesse falar o deteria dessa viagem. Para tudo meu tio tinha uma resposta. Por fim ele disse:

— E nós conseguiremos fazer essa viagem. Mas silêncio, para que ninguém descubra o centro da Terra antes de nós.

Fiquei perturbado com essa afirmação e com todas as respostas que meu tio encontrara para minhas dúvidas. Resolvi expor<sup>19</sup> o problema a Grauben, e saímos para dar uma volta. Ela percebeu que algo de diferente acontecia comigo. Em poucas palavras ficou sabendo de tudo. Para minha surpresa, ela falou:

— Axel, será uma bela viagem!

Aquela linda criatura foi-me encorajando para essa aventura. Afinal, como a própria Grauben dissera, era uma viagem digna do sobrinho de um sábio. E também, pensava eu, as calendas de julho ainda estavam longe e até lá meu tio poderia desistir.

Mas, ao chegar a casa, assustei-me. Meu tio estava atarefado com a arrumação da mala.

— Então vamos partir? — perguntei curioso.

— Depois de amanhã, ao romper do dia.

Após essas palavras resolvi ficar no meu quarto. Meu tio passou a tarde toda arrumando os objetos necessários à viagem. Todo esse clima ocasionou-me uma péssima noite.

No dia seguinte eu ainda não queria acreditar em nossa partida, mesmo porque não entendia a pressa de meu tio, já que estávamos a 26 de maio.

<sup>19</sup> **Expor:** explicar; apresentar.

— Meu caro Axel, você não sabe que daqui a Reykjavik, a capital da Islândia, há apenas uma viagem no dia 22 de cada mês?

— E daí? — respondi ingenuamente.

— Daí que, se fôssemos dia 22 de junho, chegaríamos tarde demais para ver a sombra do Scartaris sobre a cratera do Sneffels. Portanto precisamos ir o mais rápido possível.

A despedida foi apressada pelo meu tio, que temia perder o trem. Grauben não conteve as lágrimas ao beijar meu rosto. Abracei-a e tomei lugar na carruagem<sup>20</sup>.

Três horas após nossa partida, o trem parava em Kiel e nossas bagagens iam destinadas a Copenhague. Para nosso novo embarque foi preciso esperar nove horas.

Ao chegarmos a Copenhague fomos ao Museu de Antiguidades do Norte. O diretor era o sábio professor Thomson, que calorosamente recebeu seu colega Lidenbrok e eu. O senhor Thomson pôs-se à nossa disposição e conseguiu um barco para Reykjavik no dia 2 de junho. Nos cinco dias que ficamos na cidade, aproveitamos para fazer passeios, e quase todos continham exercícios de vertigens<sup>21</sup> que, de boa ou má vontade, tive de fazer.

O dia da partida chegou. A travessia<sup>22</sup>, que durou cerca de dez dias, se fez sem maiores incidentes. Meu tio tinha pressa em abandonar aquela pequena embarcação, pois ele constantemente esteve enjoado. Mas antes de deixarmos a escuna<sup>23</sup> ele apontou para uma alta montanha de duas pontas.



<sup>20</sup> **Carruagem:** carro de quatro rodas e tração.

<sup>21</sup> **Exercícios de vertigens:** o autor se refere à aclimação dos personagens às grandes alturas.

<sup>22</sup> **Travessia:** ação ou efeito de atravessar uma região, rio ou mar.

<sup>23</sup> **Escuna:** pequena embarcação, barco ligeiro de dois mastros e velas latinas.



— O Sneffels! — disse.

Alguns minutos depois estávamos no solo da Islândia. Uma pessoa que se tornou muito útil para nós foi o senhor Fridriksson, professor de Ciências Naturais na escola de Reykjavik.

Enquanto aproveitei para conhecer a cidade, meu tio ficou na biblioteca com a esperança de encontrar algum manuscrito de Saknussem.

Decepcionado com o conteúdo visto na biblioteca da cidade, meu tio não pôde deixar de reclamar ao senhor Fridriksson. Logo este explicou que os oito mil volumes disponíveis passam de mão em mão e muitas vezes só retornam às prateleiras após uns dois anos.

— Aqui, senhor Lidenbrock, não há um lavrador<sup>24</sup> ou pescador que não saiba ler e escrever.

— E por acaso o senhor possui as obras de Arne Saknussem? — perguntou meu tio, entrando direto no assunto.

— Refere-se ao sábio do século XVI que foi naturalista<sup>25</sup>, alquimista e viajante?

— Exatamente! — exclamou meu tio.

— Não as temos.

Após essa frase vi sumir do rosto de meu tio todo o entusiasmo. Ele não podia se conformar com isso. E o senhor Fridriksson explicou que Arne Saknussem fora perseguido pela sua heresia<sup>26</sup> e em 1573 suas obras foram queimadas.

<sup>24</sup> **Lavrador:** indivíduo que trabalha na lavoura.

<sup>25</sup> **Naturalista:** aquele ou aquela que se dedica à História Natural.

<sup>26</sup> **Heresia:** doutrina contrária ao que foi definido pela Igreja em matéria de fé.



Agora tudo se encaixava. Tínhamos os motivos que fizeram Saknussem esconder sua descoberta naquele criptograma. Meu tio procurou não aprofundar mais a conversa, visto que o senhor Fridriksson poderia desconfiar de algo. Continuamos a conversa e agora falávamos sobre os sábios que já haviam passado pela Islândia.



— Mas ainda há muita coisa a fazer — disse nosso hospedeiro. E concluiu: — Há imensas montanhas e vulcões a serem estudados. Como exemplo, repare naquele monte que se ergue no horizonte. É o Sneffels.

— O Sneffels! — repetiu meu tio.

— É um dos vulcões mais curiosos, cuja cratera raramente é visitada e está extinta<sup>27</sup> há mais de quinhentos anos.

Disfarçadamente meu tio mostrou um “forçado” interesse pelo vulcão, mas na verdade ele sentia uma enorme satisfação que transbordava por todos os lados e quase não podia contê-la.

Após alguns comentários do senhor Fridriksson, meu tio falou:

— Suas informações fizeram-me decidir que começarei meus estudos por esse vulcão, o Sn..., como é mesmo seu nome?

— Sneffels — disse o professor, que não desconfiava de nada. No entanto, acrescentou: — Concordo que o senhor comece por esse vulcão, mas já pensou em como chegar à península<sup>28</sup> Sneffels?

— Por mar, acho que é o caminho mais rápido.

<sup>27</sup> **Extinto:** apagado; diz-se de vulcão que não entra mais em erupção.

<sup>28</sup> **Península:** região cercada de água por todos os lados, exceto por um que a liga a outra região, geralmente mais vasta.



— Sem dúvida, mas é impossível.

— Por quê? — interrogou meu tio.

— Porque em Reykjavik não temos um único barco. Será preciso ir por terra, seguindo a costa.

O professor Lidenbrock se limitou a solicitar um guia e foi o próprio senhor Fridriksson quem arranhou um guia para nós.

Hans Bjelke era um homem silencioso, alta estatura, que aparentava uma força pouco comum. Ele revelava uma calma perfeita, tranquilidade longe de ser indolência<sup>29</sup>. Seus modos contrastavam em tudo com os do professor Lidenbrock. Mas logo os dois se entenderam quanto a salário e ficou combinado que Hans nos conduziria à aldeia de Stapi, que fica na costa meridional<sup>30</sup> do Sneffels. No entanto, nós dois, eu e o professor, sabíamos que ele nos acompanharia até o centro da Terra.

<sup>29</sup> **Indolência:**  
negligência; preguiça.

<sup>30</sup> **Meridional:** do lado do sul; austral.

<sup>31</sup> **Termômetro centígrado:**  
instrumento de medição de temperatura graduado em graus Celsius (°C).

<sup>32</sup> **Manômetro:**  
instrumento para medir pressões.

<sup>33</sup> **Bússola:** caixa do feito de um relógio, em cujo mostrador, com uma rosa-dos-ventos, se move uma agulha magnética para indicar o rumo e a orientação.

Para iniciarmos nossa viagem, foram necessários quatro cavalos. Dois para nossas montarias e dois para a bagagem. O guia, como de costume, iria a pé. Partiríamos em 16 de junho e confesso que os preparativos para a viagem os fiz de má vontade. Levamos instrumentos (um termômetro centígrado<sup>31</sup>, graduado até 150°C; um manômetro<sup>32</sup>; duas bússolas<sup>33</sup>), armas e ferramentas. Havia também as provisões alimentares e as reservas líquidas e, para completar, uma farmácia portátil.

No dia da viagem, despedimo-nos do senhor Fridriksson, ao qual agradecemos pela generosa acolhida em sua casa. Partimos com o tempo encoberto.

A essa altura meu mau humor já tinha amenizado<sup>34</sup>, afinal, pensava eu, o máximo que faremos será descer ao fundo da cratera de um vulcão extinto. Quanto à existência de uma galeria que conduzisse ao centro da Terra, só poderia ser pura imaginação.



Após algumas horas de viagem, Hans mostrou para meu tio um barco e falou sobre a maré. Percebi que era necessário aguardar um momento certo da maré para se iniciar a travessia do fiorde<sup>35</sup>. Esse momento só chegou às seis horas da tarde. Nós três, dois outros viajantes e os quatro cavalos tomamos lugar nessa embarcação frágil.

Levamos uma hora para atravessar o fiorde. Quando chegamos a Gardar já deveria ser noite, mas na Islândia durante os meses de junho e julho o sol não se põe. Sem muita demora chegamos ao lugarejo de Alftanes, uma milha mais adiante. Sábado, 20 de junho, chegávamos a Búdir, onde a própria família de Hans nos ofereceu hospedagem.

Stapi era a última etapa da nossa viagem. Hans contratou três islandeses para substituir os cavalos e nessa ocasião meu tio definiu até onde esses homens nos acompanhariam e disse ao nosso guia sua intenção de conhecer o vulcão até os últimos limites. O guia apenas inclinou a cabeça no sentido afirmativo.

Agora uma preocupação se aproximava de mim. E se Saknussem realmente falara a verdade? Ficaríamos perdidos numa das galerias do vulcão. Por sinal, nada prova que ele está extinto e que, de uma hora para outra, não poderá despertar. Resolvi expor meus problemas a meu tio.

**34 Amenizado:** diminuído; abrandado; suavizado.

**35 Fiorde:** golfo estreito e profundo, em certas regiões do Norte da Europa.



— Também pensei nisso, caro Axel. As erupções são sempre precedidas<sup>36</sup> por fenômenos conhecidos. Assim, interroguei os habitantes da região e posso lhe garantir, meu querido sobrinho, que não haverá qualquer erupção.

Não foi preciso muito para ele encontrar meios científicos que o fizessem estar certo. Mais uma vez tive que concordar com ele.

No dia seguinte, 23 de junho, deixamos a aldeia de Stapi e seguimos rumo ao Sneffels.

Esse vulcão tem a altura de cinco mil pés. Do nosso ponto de partida não podíamos ver o seu duplo cone que se perfilava<sup>37</sup> no fundo cinzento do céu.

Nosso caminho se tornava mais difícil à medida que caminhávamos em direção ao Sneffels. O solo formava declive, as rochas separavam-se e todo o cuidado era necessário para evitar quedas perigosas.

Ao subir as encostas do Sneffels, seu cume me parecia muito próximo, mas foi preciso longas horas de marcha para atingi-lo. No meio de um vasto tapete de neve que se estendia no alto do vulcão, uma escada de pedras surgiu para facilitar nossa subida. Às sete horas da noite tínhamos escalado os dois mil degraus da escada. No entanto, Hans achou inconveniente passarmos a noite nas encostas do cone. Cinco horas foram gastas para subir mil e quinhentos pés que faltavam e às onze horas da noite atingimos o cume do Sneffels.

Encontrávamo-nos no cimo<sup>38</sup> de um dos dois picos do vulcão, o do sul. Foi então que meu tio per-

<sup>36</sup> **Preceder:** anteceder; estar adiante de.

<sup>37</sup> **Perfilar:** traçar o perfil.

<sup>38</sup> **Cimo:** cume; pico.

guntou ao guia qual o nome que os islandeses dão a esse pico. Hans imediatamente respondeu:

— Scartaris.

Com um olhar triunfante, meu tio dirigiu-se a mim e disse:

— À cratera!

A cratera do Sneffels representava um cone invertido, e eu calculava sua profundidade em dois mil pés. Ao descermos, Hans ia à frente e avançava com extrema preocupação. Apesar das dificuldades desse trajeto, não houve nenhum incidente e ao meio-dia havíamos chegado. No fundo da cratera abriam-se três chaminés, pelas quais o núcleo central expelia as suas lavas e os seus vapores no tempo de erupções. Meu tio fez um rápido exame da situação delas e eu mal tinha coragem para olhar.

De repente, ouvi um grito. Era do professor.

— Axel, venha correndo! — dizia num tom de espanto e alegria.

Corri para perto dele, que apontava para um rochedo colocado no centro da cratera. A evidência tomou conta de mim. Na face ocidental do bloco, em caracteres rúnicos semirroídos pelo tempo, estava escrito: Arne Saknussem.

Não disse nada. Ignoro por quanto tempo fiquei mergulhado em minhas reflexões. Quando voltei ao normal, vi meu tio e Hans despedirem-se dos três islandeses, que agora voltavam a Stapi.





Nossa primeira noite no fundo da cratera foi tranquila. O amanhecer foi nublado e permaneceu assim o dia todo. Nem liguei para a raiva do meu tio, pois em mim nascia a esperança de que a viagem poderia terminar logo. Havia três caminhos abertos aos nossos pés e só um deles foi seguido por Saknussem. Segundo o sábio, esse caminho devia ser reconhecido através do pico agudo, cuja sombra, num determinado momento e dia de junho, marcaria o caminho para o centro da Terra. E, caso o Sol não aparecesse, não haveria sombra nem indicação. Estávamos no dia 25 de junho e se o céu continuasse encoberto durante seis dias seria preciso esperar mais um ano.

Mal posso descrever o estado de raiva em que ficou meu tio. Sua cólera durou até o dia 27. No domingo, 28 de junho, com a mudança da Lua, o Sol fez incidir os seus raios sobre a cratera. Ao meio-dia a sombra foi dar na beira da chaminé central.

Entusiasmadíssimo, ouvi o professor falar:

— É aquela! O caminho para o centro da Terra.

Agora começava a verdadeira viagem. A descida começou na seguinte ordem: o guia, meu tio e eu. Meia hora mais tarde chegávamos à superfície de um rochedo incrustado na parede da chaminé. Um pouco depois atingíamos uma nova profundidade de duzentos pés. Pelos meus cálculos, passaram-se onze horas até chegarmos a dois mil e oitocentos pés.

— Chegamos — disse o professor Lidenbrock.

— Onde? — perguntei.

— Ao fundo da chaminé perpendicular. Uma espécie de corredor que vira à direita é nossa outra saída. Mas amanhã veremos isso. Agora vamos cear<sup>39</sup> e depois dormir.



Fomos acordados por um raio de luz vindo das mil facetas<sup>40</sup> da lava das muralhas que o refletiam como uma chuva de fagulhas.

Não demorou muito para entrarmos naquele corredor escuro. Tínhamos os instrumentos às nossas mãos e eu sempre consultava a bússola, que indicava a direção do sudeste.

Duas horas após nossa partida percebi que o calor não aumentara na intensidade que eu supusera. O termômetro marcava dez graus, indicando que a temperatura se elevara em apenas quatro graus.

Só descansamos no final da tarde, mas já fazia um bom tempo que me sentia exausto. Comemos muito bem; no entanto uma coisa me inquietava: a nossa reserva de água estava pela metade. Só tínhamos água para cinco dias. Expus o problema a meu tio, que logo quis me tranquilizar, dizendo que encontraríamos muito mais água do que o suficiente.

Nessa conversa também me referi à temperatura e à profundidade e lhe disse que acreditava não termos percorrido grande distância verticalmente, pois, dependendo da condutibilidade das rochas e, no caso, desse vulcão extinto, a elevação da temperatura era de um grau para cento e vinte e cinco pés. Rapidamente o professor fez novos cálculos, com os quais tive que concordar e que indicavam que já

<sup>39</sup> **Cear:** comer a ceia, refeição da noite; jantar.

<sup>40</sup> **Faceta:** pequena face; cada uma das superfícies de uma rocha.



ultrapassávamos em seis mil pés as maiores profundidades atingidas pelo homem.

30 de junho: continuamos a descida. Demos em duas galerias, ambas escuras e estreitas. Tivemos que arriscar, e meu tio escolheu o túnel leste sem muita hesitação.

Enquanto caminhávamos por esse túnel fui percebendo o terreno se modificar e que não poderia ser o mesmo seguido por Arne Saknussemm. Aquele não era o caminho das lavas, mas meu tio não queria admitir que escolhera o túnel errado. Para ele a única prova concreta seria quando atingíssemos a extremidade da galeria. Teria dado razão a ele se não tivéssemos o problema da falta de água. A única providência<sup>41</sup> que ele tomou foi racionar<sup>42</sup> a água.

Quando chegamos ao fundo do corredor, finalmente meu tio assumiu que estávamos no caminho errado e propôs descansarmos a noite para no dia seguinte voltarmos em direção ao ponto da bifurcação das galerias. Eu já não acreditava que teria forças para tal, pois no mesmo dia de nossa volta estávamos completamente sem água.

Ao chegarmos à junção das duas galerias, sentia-me como um morto. Caído no chão, vi meu tio aproximar-se de mim e oferecer-me um pouco da água que restava. Ele sabia que na chegada à encruzilhada eu cairia quase inanimado. Senti-me comovido com esse gesto meigo, muito difícil de se encontrar no professor. Um gesto que só durou o tempo necessário, pois, quando sugeri que regressássemos à superfície, a cólera apossou-se dele.

<sup>41</sup> **Providência:** prevenção; medidas ou disposições prévias para a consecução de um fim, para evitar um mal ou para remediar alguma necessidade.

<sup>42</sup> **Racionar:** distribuir em rações; limitar a quantidade de.



Tentamos, ainda, entrar num acordo e, fazendo o máximo de esforço para não se exaltar, o professor combinou que, se não encontrássemos logo água nessa nova galeria, retrocederíamos<sup>43</sup>.



Andamos bastante nessa galeria e nada de água. Por fim, minhas forças faltaram e caí pedindo socorro. Quando acordei, meu tio estava dormindo e vi Hans descer a galeria. Para onde ele ia? Finalmente, quando voltou e acordou meu tio, entendi tudo. Ele havia encontrado água! Juntei um pouco de meus esforços e continuamos a caminhada. Aos poucos ouvia o ruído da água por detrás das rochas. Não sabia como alcançar a água que estava separada de mim por um muro de granito. Com uma picareta na mão, Hans foi fazendo buracos no rochedo. Depois de uma hora, um jato de água foi bater na parede oposta. A fonte de água era a cem graus, mas percebemos que logo ela esfriava. A essa fonte meu tio deu o nome de Hans-bach, uma homenagem ao nosso guia.

Na quarta-feira, dia 15, encontrávamo-nos a sete léguas<sup>44</sup> abaixo da superfície e cerca de cinquenta léguas do Sneffels. Nesse instante não estávamos mais sob a Islândia e sim sob o Oceano Atlântico. Quatro dias mais tarde chegamos a uma gruta bastante vasta<sup>45</sup>.

A 7 de agosto nossas sucessivas<sup>46</sup> descidas tinham dado uma profundidade de trinta léguas. Nesse dia o túnel seguia um plano inclinado. Eu caminhava à frente, mas de repente me vi só.

Voltei na esperança de encontrá-los. Não vi ninguém. Chamei e não obtive resposta. Não podia acre-

**43 Retroceder:** recuar.

**44 Léguas:** medida itinerária equivalente a 6.000 m.

**45 Vasta:** ampla; grande.

**46 Sucessivas:** que não têm interrupção; consecutivas.



editar que estava perdido, mas lembrei que havia parado uns instantes para arrumar minha bagagem nos ombros. Certamente foi aí que me distanciei dos outros. No entanto o Hans-bach me levaria de volta aos meus companheiros; bastava seguir seu curso. Antes de recomeçar a andar, pensei em molhar a cabeça. Ao abaixar-me, percebi que o riacho não corria onde eu estava. O desespero e a angústia foram tomando parte de mim. Tentei subir a galeria, choquei-me contra uma parede maciça e caí no chão. Nesse tombo minha lanterna quebrou. Estava sozinho e no escuro.

Tateava as paredes e, no desespero, comecei a correr. Caía e voltava a me erguer, já bebendo o sangue que escorria pelo meu rosto. Após várias horas perdi os sentidos.

Não sei quanto tempo fiquei inconsciente e, ao acordar, estava muito fraco devido à perda de sangue. Mesmo assim consegui ouvir vozes. Gritei por socorro e não tive nenhuma resposta. Após algum tempo ouvi outra vez vozes. Dessa vez tive certeza de ouvir meu nome, que se pronunciava ao longo da muralha. Aproximei-me dela e disse:

— Tio Lidenbrock!

Alguns segundos, que para mim pareciam eternos, se passaram e essas palavras chegaram aos meus ouvidos:

— Axel, Axel! É você?

Numa conversa através da massa terrestre descobri que estava a mais de uma légua de distância de

meu tio e de Hans. O professor me orientou para que eu retornasse ao caminho certo. Agradei a Deus por ter falado com meus companheiros, que aguardavam minha chegada. Arrastava-me mais do que andava, até o terreno faltar debaixo dos meus pés. Aí perdi os sentidos e, quando voltei a mim, percebi a felicidade estampada no rosto de meu tio.



— Vivo! Ele está vivo! — exclamou.

Pouco tempo foi preciso para que eu me recuperasse. Estávamos a 10 de agosto e via uma claridade se introduzir pela fenda dos rochedos. Além disso, conseguia ouvir o ruído do vento e do mar que se quebra na praia. Perguntei, um tanto com receio, se havíamos voltado à superfície da Terra.

Mas não era a superfície da Terra. Algo inexplicável, mas que não deixava de ser um belo espetáculo. Ao sair da gruta avistei um oceano que se estendia a perder de vista. Um verdadeiro oceano, só que deserto e com um aspecto selvagem. Acredito que fui curado pelo espanto e me sentia em perfeitas condições para um passeio que acabou findando<sup>47</sup> numa floresta enorme, feita de árvores de grandeza mediana. Certamente um local que impressionaria qualquer botânico.

Durante o caminho encontramos ossos de animais antediluvianos<sup>48</sup>, o que me fez pensar se no meio dessas florestas sombrias eles ainda não sobreviveriam...

No dia seguinte estava totalmente restabelecido. Porém, mal podia acreditar nas maravilhas que encontrara. Como poderia imaginar que no seio da crosta

<sup>47</sup> **Findar:** pôr fim; acabar.

<sup>48</sup> **Antediluviano:** de antes do dilúvio; muito antigo.



terrestre veria um verdadeiro oceano com suas brisas e tempestades! Aproximei-me do meu tio e perguntei:

— Mas, afinal, onde estamos?

Através dos instrumentos ele me deu nossa posição.

— Horizontalmente, a trezentas e cinquenta léguas da Islândia, e a bússola indica o sudeste com uma declinação ocidental de dezenove graus e quarenta e dois minutos.

A par de nossa localização, não sabia qual a intenção do meu tio. Para encontrarmos outras saídas, seria necessário atravessar o mar, mas não dispúnhamos, pensava eu, de meios para executar esse trajeto. Fui surpreendido ao ver Hans trabalhando. Graças à habilidade do guia, no dia 13 de agosto inauguramos um novo método de locomoção, rápido e pouco fatigante. Hans construíra uma jangada para nós.

No momento de deixarmos o pequeno porto, meu tio quis dar o nome a ele. Mas eu propus um outro nome, que logo foi aceito.

— Porto Grauben ficará bem no mapa — disse, recordando-me da minha linda noiva nessa aventureira expedição.

E, quanto ao mar que percorríamos, a homenagem ficou para meu próprio tio. Navegávamos no mar Lidenbrock!

Desde nossa partida do porto Grauben fiquei encarregado de fazer o diário de bordo.

Sexta-feira, 14 de agosto. A jangada navega com rapidez e em linha reta. Temos bom tempo e o termômetro marca trinta e dois graus.

Hans prepara um anzol e tenta pescar. Durante duas horas não conseguiu nada, mas depois pescou uma boa quantidade de peixes. Realmente aquele oceano devia ter muitos deles, mesmo se tratando de espécies extintas como aqueles que se encontravam na jangada.



Sábado, 15 de agosto. Nenhuma terra à vista e o horizonte parece excessivamente recuado<sup>49</sup>. O professor Lidenbrock encontrava-se impaciente. Seus cálculos quanto à extensão do mar estavam errados e ele não sabia mais se Saknussemm realmente havia atravessado o oceano.

Domingo, 16 de agosto. Nada de novo. O tempo continua igual. O mar devia ter a largura do Mediterrâneo ou mesmo do Atlântico.

Meu tio lançou a sonda<sup>50</sup> várias vezes a fim de encontrar o fundo. Tivemos muita dificuldade em puxar nossa sonda. Quando a picareta chegou à borda, Hans mostrou-me que tinha marcas muito nítidas. Com certeza eram marcas de dentes. Pensei se um monstro das espécies desaparecidas poderia habitar na camada profunda das águas. Esses pensamentos não me deixaram ter um sono tranquilo.

Segunda-feira, 17 de agosto. O professor Lidenbrock partilha dos meus receios, pois agora percorre o oceano com um olhar cauteloso<sup>51</sup>. Entendemo-nos apenas pela troca de olhares e ambos nos certificamos de que as armas se encontram em bom estado.

Terça-feira, 18 de agosto. Chega a noite e, enquanto Hans ia ao leme, adormeci. Duas horas depois uma

<sup>49</sup> **Recuado:** afastado.

<sup>50</sup> **Sonda:** instrumento parecido com o prumo, com o qual se examina o interior de um objeto ou se determina a profundidade das águas.

<sup>51</sup> **Cauteloso:** prudente; cuidadoso.



terrível sacudidela despertou-me. A jangada fora erguida pelas ondas e atirada a quarenta metros.

Hans aponta para uma massa escura que emerge<sup>52</sup> e mergulhava a uma distância de quatrocentos metros.

Ficamos surpreendidos, espantados e assustados ao vermos um grupo de monstros marinhos. Tinham dimensões sobrenaturais e o menor deles quebraria a jangada com uma só dentada. Era impossível fugir, nem mesmo nossas armas nos protegeriam.

Um combate entre dois monstros (o crocodilo e a serpente) travava-se a cem metros da jangada. Contudo, parece-me que a baleia, o lagarto, o marsuíno<sup>53</sup> e a tartaruga também vêm tomar parte na briga. Mostro-os ao islandês, que abana negativamente a cabeça e indica apenas dois. Hans estava certo. Apenas dois monstros perturbam a superfície do mar. Um tem o focinho de um marsuíno, a cabeça do lagarto e os dentes de um crocodilo, é o mais temível dos répteis antediluvianos, o ictiossauro. O outro, o plesiossauro, é uma serpente escondida na carapaça de uma tartaruga.

Algumas horas se passaram, mas a luta continuava com a mesma fúria. De súbito, os monstros desapareceram. Vários minutos se foram até surgir a cabeça do plesiossauro. Quanto ao outro monstro, restava-me a dúvida se reapareceria.

Quarta-feira, 19 de agosto. A viagem retoma a sua monotonia uniforme, pois o vento soprava com força e rapidamente permitiu-nos fugir do teatro da luta.

<sup>52</sup> **Emergir:** erguer-se acima das águas; sair de onde estava mergulhado.

<sup>53</sup> **Marsuíno:** gênero de cetáceos parecidos com o golfinho.

Quinta-feira, 20 de agosto. Temperatura alta. Navegamos em uma velocidade de três léguas e meia por hora.



Deparamo-nos outra vez com um imenso jato de água que se ergue acima das ondas. O espanto toma conta de mim. Será mais algum animal marinho? Continuamos o mesmo caminho, que era em direção a esse jato. Revolto-me contra o professor, era preciso sairmos de lá. De repente, avistamos uma ilha e tudo não passara de um equívoco<sup>54</sup>.

Eu não queria ter-me enganado tão grosseiramente. Aquilo a que eu chamava de monstro marinho era um fenômeno natural. Era um ilhéu<sup>55</sup> que representava um imenso cetáceo<sup>56</sup> cuja cabeça dominava as ondas de uma altura de vinte metros. Esse fenômeno também é conhecido por gêiser<sup>57</sup>.

Acostamos na ilha para evitar aquela tromba-d'água. Partimos contornando as rochas, e Hans aproveitou aquela parada para reparar a jangada. Antes, porém, algumas observações foram anotadas no meu diário. Percorremos duzentas e setenta léguas por mar, desde o porto Grauben, e estamos a seiscentas e vinte léguas da Islândia, sob a Inglaterra.

Sexta-feira, 21 de agosto. O gêiser tinha desaparecido. Às dez horas da manhã, os sintomas de uma tempestade tornaram-se bem nítidos<sup>58</sup>. Meu tio estava de péssimo humor ao ver o oceano se prolongar<sup>59</sup> indefinidamente.

Quando a tempestade começou, fomos jogados ao chão da jangada. Os meus olhos estavam deslum-

**54 Equívoco:** engano; erro.

**55 Ilhéu:** concernente a ilha; ilhota.

**56 Cetáceo:** concernente aos grandes mamíferos aquáticos, como a baleia, o golfinho etc.

**57 Gêiser:** fonte quente, de origem vulcânica e que traz normalmente muitos sais em dissolução.

**58 Nítido:** claro; que se distingue facilmente.

**59 Prolongar:** continuar-se; estender-se no sentido do comprimento; alongar-se.



brados<sup>60</sup> pela intensidade dos relâmpagos e meus ouvidos atordoados pela intensidade do trovão. Foi preciso nos agarrarmos com todas as nossas forças ao mastro<sup>61</sup> até que o furacão passasse.

Domingo, 23 de agosto. A tempestade continua. Somos arrastados com uma rapidez inacreditável. Qualquer meio de conversa é impossível.

Segunda-feira, 24 de agosto. Estávamos esgotados de fadiga. A tempestade parece não ter fim. Ao meio-dia redobra a violência do furacão. Uma bola de fogo passa pela nossa jangada, partindo o mastro e a vela em bloco<sup>62</sup>.

Ficamos gelados de pavor. A bola de fogo, metade branca, metade azulada, andava de um lado para o outro da jangada com uma velocidade surpreendente. Meu pé estava preso à jangada. A queda do globo elétrico magnetizou<sup>63</sup> todo o ferro que se encontrava a bordo; os pregos do meu sapato aderiram a uma placa de ferro incrustada<sup>64</sup> na madeira. Não conseguia tirar meu pé dali. Fiz um esforço violento para arrancá-lo antes que a bola de fogo o apanhasse.

Terça-feira, 25 de agosto. Acordei de um desmaio prolongado. A tempestade continuava, e nós permanecíamos no mar, até que a jangada chocou-se contra os recifes da praia. Fui salvo pelo corajoso islandês, nosso guia, que ainda teve tempo de recuperar um pouco de nossa bagagem.

Aqui termina o meu “diário de bordo”.

No dia seguinte o tempo estava magnífico. Agora continuaríamos por terra. Mas, antes de prosseguirmos, verificamos o que estava em ordem. Perdemos

**60 Deslumbrado:**

fascinado;  
maravilhado.

**61 Mastro:** peça

comprida de madeira para sustentar as velas de uma embarcação.

**62 Em bloco:** em conjunto.

**63 Magnetizar:** imantar;

transferir propriedades de magnetismo, poder atrativo do ferro magnético, ímãs ou magnetos.

**64 Incrustada:** aderida; presa; inserida.



nossas armas, mas até era possível passar sem elas. Quanto aos instrumentos, nada faltava; e as provisões davam para quatro meses.



Durante o almoço, perguntei ao meu tio onde nos encontrávamos. Nossos cálculos não eram exatos devido aos três dias da tempestade, mas podíamos tirar conclusões. Para tal, o professor consultou a bússola e eu o acompanhei para saber se os meus cálculos, que eram o de estarmos a sudeste do porto Grauben, estavam certos. Ao pegar na bússola, o espanto apossou-se<sup>65</sup> de meu tio. Examinei o instrumento e não podia crer que o ponteiro marcava norte, quando pensávamos que seria o centro. Não restavam dúvidas de que durante a tempestade o vento tinha nos levado para as margens que meu tio julgava ter deixado para trás.

Primeiro o professor Lidenbrock teve um acesso de cólera; por fim a ambição foi mais forte, e recomeçamos o trajeto mesmo contra a minha vontade.

Antes disso, porém, fomos conhecer esse lado da costa. Nosso guia repararia a jangada. Percorremos uma milha às margens do mar Lidenbrock e aí o solo mudou de aspecto. Damos num campo que parecia uma planície de ossadas, um verdadeiro cemitério de animais pré-históricos.

Avançamos um pouco mais e meu tio não escondia o contentamento por estar diante dos ossos de vários monstros antediluvianos, local este que certamente vários estudiosos gostariam de conhecer. Mas o que nos deixou mais surpresos foi o fato de meu tio encontrar um crânio!

<sup>65</sup> Apossar-se: tomar posse; apoderar-se.



Para poder imaginar o espanto e a alegria vividos por meu tio é preciso saber de um fato de alta importância em paleontologia<sup>66</sup> que se dera um pouco antes de nossa partida ao centro da Terra.

Alguns pesquisadores encontraram um maxilar humano catorze pés abaixo da superfície do solo. Essa descoberta teve uma boa repercussão, e alguns geólogos do Reino Unido, entre eles, o mais fogoso<sup>67</sup> e entusiasta<sup>68</sup>, o professor Lidenbrock, aceitaram o fato de que a espécie humana é contemporânea aos animais da época quaternária<sup>69</sup>. O assunto foi discutido várias vezes e, mesmo assim, o sábio Élie de Beaumont mantinha sua posição de que o fóssil humano pertencia a uma camada menos antiga. O que não sabíamos é que durante nossa ausência a questão fizera novos progressos e atribuíra cem mil anos de existência à raça humana.

Encontramos vários corpos no meio desse “cemitério” e uma nova questão se apresentava para nós. Até então tinham-nos surgido monstros marinhos e peixes vivos. Será que poderíamos encontrar ainda algum homem vivo?

Saímos das ossadas e demos numa floresta com vegetação da época terciária<sup>70</sup>. De repente, parei e segurei meu tio. Avistávamos animais enormes. Eram mastodontes<sup>71</sup> vivos! Mas fiquei abobado ao ver um ser vivo semelhante a nós. Tive de me render à evidência. Era um gigante capaz de dar ordens àqueles monstros.

Não podíamos ser vistos, precisávamos ir embora. Pouco tempo depois estávamos fora da vista do temível

**66 Paleontologia:** ciência que tem por objeto o estudo dos animais e vegetais fósseis.

**67 Fogoso:** impetuoso.

**68 Entusiasta:** pessoa que se entusiasma, anima.

**69 Época quaternária:** período em que o clima, a fauna e a flora são semelhantes aos de hoje e que é caracterizado pelo aparecimento do homem.

**70 Época terciária:** período em que se observa intensa atividade do núcleo central, frequentes mudanças da crosta terrestre e extinção completa dos grandes saúrios, ao passo que os répteis, peixes e aves assumem um aspecto semelhante ao atual, e os mamíferos, sobretudo os ruminantes e proboscídeos, adquirem grande porte, e no fim do qual surgem os primeiros símios antropomorfos.

**71 Mastodonte:** animal fóssil de grande corpulência, da época terciária e quaternária, de constituição análoga à do elefante.

inimigo. Inacreditável uma criatura humana viver nas cavernas inferiores da Terra. Não alguém com aquela estatura que ultrapassava todas as medidas dadas pela paleontologia moderna. Corremos tanto que comecei a desconfiar que pisávamos em solo virgem. Meu tio também hesitou<sup>72</sup>. Difícil ter certeza, pois o panorama<sup>73</sup> era uniforme. Mas algo fez-me achar que estávamos no caminho certo. Entreguei a meu tio um punhal coberto de ferrugem que acabara de achar no chão. Só que essa arma não era dele nem de Hans. A sabedoria do professor Lidenbrock fez-se valer.



— Axel, raciocine. Esse punhal é uma arma do século XVI. É de origem espanhola e não pertence a nenhum de nós, nem mesmo aos seres humanos que talvez vivam por aqui — disse animado e deixando-se levar pela imaginação.

— Mas ela não veio parar aqui sozinha. Um homem nos precedeu... — falei.

— Sim, um homem. E esse homem quis marcar mais uma vez o caminho do centro. Procuremos, meu caro Axel!

E com grande interesse caminhamos ao longo da alta muralha. Entre dois rochedos, na entrada de um túnel, vimos sobre uma placa de granito duas letras semiapagadas: as iniciais A.S.

Agora já não podia pôr em dúvida a existência do viajante e a realidade de sua viagem.

Nomeamos o cabo no qual nos encontrávamos de cabo Saknussem. Esse momento foi cheio de expectativas e me serviu como um incentivo.

<sup>72</sup> **Hesitar:** estar incerto.

<sup>73</sup> **Panorama:** paisagem; vista.



Antes de prosseguirmos, buscamos Hans. Entramos na jangada e seguimos para o cabo Saknussem. Após três horas de navegação, atingimos um local propício<sup>74</sup> ao desembarque. Entramos numa galeria e seguimos um plano quase horizontal, quando nossa marcha foi interrompida por uma maldita rocha. Por algum dos fenômenos magnéticos aquele rochedo deslizou até o solo, obstruindo a passagem. A rocha era tão grande que nem pá ou picareta a tiraria de lá. A solução foi a pólvora. Minamos o rochedo, e o tempo de a mecha atingir o algodão-pólvora deveria ser por volta de dez minutos, o suficiente para chegar à jangada. Solicitei para acender a mecha. Tudo ficou preparado para o dia seguinte, 27 de agosto, uma data célebre nessa viagem subterrestre. Acendi a mecha, corri para a jangada, e nos afastamos uns quarenta metros.

No momento da explosão não ouvimos nenhum ruído, mas a forma dos rochedos modificou-se subitamente. Para além do rochedo, havia um abismo. Tendo aberto essa passagem, o mar, transformado em corrente líquida, arrastava-nos com ele. Não sei quanto tempo ficamos agarrados uns nos outros. Certamente este era o caminho seguido por Saknussem. Algumas horas se passaram nessa descida e de súbito a jangada se deteve em sua queda. Estávamos num poço estreito e a água, chegando ao fundo do abismo, retomava o seu nível e nós subíamos com ela.

Por um instante coloquei a mão na água, ela estava fervendo! Observei momentos desordenados nas camadas graníticas<sup>75</sup>. Era evidente que algum

<sup>74</sup> Propício: favorável; oportuno; adequado.

<sup>75</sup> Granítica: de granito.

fenômeno iria acontecer. Olhei a bússola, ela estava descontrolada!

Meu tio concluiu que estávamos na chaminé de um vulcão em erupção. E que essa era a única possibilidade de regressarmos à superfície da Terra.

Encontrávamo-nos num vulcão cuja erupção era intermitente<sup>76</sup>. Parávamos por alguns minutos e depois novamente éramos impelidos com extrema rapidez. Não tenho recordações precisas do que se passou nas últimas horas, lembro-me de ter ouvido detonações seguidas e do movimento giratório da jangada.

Quando voltei a abrir os olhos, estava deitado na encosta de uma montanha e sentia o sol arder no meu corpo. Não sabíamos que lugar era aquele. Parecia uma ilha de algumas léguas de perímetro<sup>77</sup>, mas pelo calor que sentíamos não era a Islândia. Se acreditássemos na bússola, seguíamos sempre para o norte. Havia aí um fato inexplicável, e nem eu nem o professor sabíamos o que pensar.

Avistamos um pequeno porto precedido por algumas casas e descemos as encostas do vulcão com a finalidade de descobrir que local era aquele. Após duas horas de marcha, um campo encantador surgiu diante de nossos olhos. Avançamos sobre as oliveiras<sup>78</sup>, romãzeiras e vinhas que lá encontramos. No meio da erva, descobri uma fonte de água fresca, onde nossos rostos e mãos mergulharam.

Entre os grupos de oliveiras, uma criança apareceu. Devido a nossa aparência, barbas crescidas e seminus, assustamos o garotinho. Antes de ele fugir,



<sup>76</sup> **Intermitente:** que pára por intervalos.

<sup>77</sup> **Perímetro:** linha imaginária que demarca uma região.

<sup>78</sup> **Oliveira:** árvore que serve de tipo às Oleáceas e cujo fruto é a azeitona.



e com alguma insistência de nossa parte, o menino disse que estávamos em Stromboli.

Encontrávamo-nos em pleno Mediterrâneo e aquele vulcão que se erguia sobre os montes era o Etna<sup>79</sup>. Que bela viagem! Entrando por um vulcão, tínhamos saído por outro, situado a mais de mil e duzentas léguas do Sneffels.

No dia 9 de setembro chegávamos a Hamburgo, após termos passado por naufragos no porto de Stromboli! Nosso retorno causou a alegria da linda Grauben e o espanto da boa Marta, que, devido à sua indiscrição, espalhou nossa partida ao centro da Terra para todo o mundo. Quase não acreditaram, mas a presença de Hans e algumas informações vindas da Islândia modificaram, pouco a pouco, a opinião pública.

Hamburgo deu uma festa em nossa honra e sábios de todos os países se encontravam com o professor Lidenbrock. A viagem teve uma excelente repercussão<sup>80</sup>, mas o fato (inexplicável) de a bússola marcar o norte tornara-se um tormento para meu tio.

Passados seis meses, encontrei essa famosa bússola e, observando melhor, vi que o ponteiro marcava o sul e não o norte. Não foi difícil concluir que durante a tempestade no mar a bola de fogo que magnetizou a jangada tinha desorientado a bússola, trocando seus pólos. Então, após nossa chegada ao cabo Saknussemm, o ponteiro marcava o sul e não o norte. A partir desse dia, meu tio foi o mais feliz dos sábios e eu, o mais feliz dos homens, pois estava casado com Grauben.

<sup>79</sup> **Etna:** vulcão ativo, 3.340 m, o mais alto da Europa, localizado na costa da Sicília, Itália.

<sup>80</sup> **Repercussão:** ação ou efeito de repercutir, refletir.

## O Autor



Nenhuma outra obra literária refletiu com tanta fidelidade a história de sua época como a coletânea dos romances de Júlio Verne, conhecida como Viagens extraordinárias.

Nascido em Nantes, na França, a 8 de fevereiro de 1828, filho de Pedro Verne, cuja família orgulhava-se de sua tradição na advocacia, e de Sofia Alotte, proveniente de rica família de armadores, Júlio Verne mostrava uma forte inclinação para a literatura desde sua infância.

Talvez devido à sua formação familiar, Verne tenha se inclinado para um novo gênero literário: a ficção-científica, resultado da união de seus conhecimentos sobre a vida dos homens do mar, daquela época, cheia de aventuras, e sua formação escolar, na faculdade de direito, que o ensinara a raciocinar logicamente, e a aceitar somente os fatos como verdadeiros.

Júlio Verne, entretanto, viveu durante uma época privilegiada. O homem do século XIX conjugava harmoniosamente a ciência e a tecnologia. Uma mesma geração assistiu ao descobrimento da eletricidade, do automóvel, do avião, do rádio, do submarino, dos tecidos sintéticos, do cinema...

Verne assistiu a todos estes acontecimentos e antecipou-se a muitos deles. Maravilhava-se, assim como seus contemporâneos, com a velocidade que



o progresso adquiria. Tudo isto o levou a uma ideia, em que trabalhou com afincos desde seus 24 anos até sua morte em 24 de março de 1905: escrever a novela da ciência, estabelecendo uma ponte entre a ciência e a literatura. Para tanto, contava apenas com uma ferramenta: sua imaginação fértil, cujo ponto de partida era o estudo, a observação e a curiosidade.

Nem mesmo seu casamento com Honorina Hebè, o nascimento de seu filho Michel, ou suas ocasionais rugas com seu pai, o desviaram de seu propósito.

Seu profundo respeito para com a ciência nunca o deixou afastar-se do racionalismo ou realismo. E, mesmo em obras mais fantásticas, como *Viagem ao centro da Terra*, *Da Terra à Lua* e outras, sua finalidade era usar a fantasia para ilustrar os conhecimentos de sua época em astronomia, matemática, física, paleontologia, mineralogia etc.

Em suma, sua vida resumiu-se a retratar sua época, por isso Verne está profundamente imerso em seu tempo e expressa aspectos importantíssimos desse período. Seus personagens, em sua maioria, não são senão veículos de uma ideia ou agentes de uma empresa, quando não meros símbolos.

A coragem, a tenacidade, a lealdade, a nobreza de sentimentos não isenta de uma certa ingenuidade, tais como as principais características, em ocasiões um tanto estereotipadas, do herói verniano, que não se define tanto por si mesmo como pelo que faz.



## As Datas



- 1853 Publica *Colin-Maillard*.
- 1855 Publica *Les Compagnons de La Marjolaine*.
- 1860 Publica *L'Auberge des Ardennes*.
- 1863 *Cinco semanas em um balão*, novela que havia sido publicada em capítulos pelo periódico *Magazin d'Éducation et de Récréation*, é publicado em volume único.
- 1864 Publica *Viagem ao centro da Terra*.
- 1865 Publica *Da Terra à Lua*.
- 1868 Publica *Os filhos do Capitão Grant*.
- 1870 Publica *Vinte mil léguas submarinas*, *Capitão Hatteras* e *Viagem ao redor da Lua*.
- 1873 Publica *A volta ao mundo em oitenta dias*.
- 1874 Publica *A ilha misteriosa* e, junto a Dennery, monta a peça adaptada do romance homólogo *A volta ao mundo em oitenta dias*.
- 1875 Publica *O Chanceler*, diário do passageiro J.R. Kazallon.
- 1876 Publica *Miguel Strogoff*.
- 1878 Publica *Um Capitão de quinze anos*, e adapta, para o teatro, o romance *Os filhos do Capitão Grant*.
- 1879 Publica *Tribulações de um chinês na China*.
- 1882 Estreia a comédia, em três atos, *Voyage à travers l'impossible*.
- 1883 Estreia a peça: *Kériban le Tétu*.



## *Alguns dos avanços da ciência durante a vida de Julio Verne*

- 1885 Publica a obra em fascículos *Mathias Sandorf*.
- 1888 Publica *Dois anos de vocações*.
- 1896 Publica *As viagens do Capitão Cook*.
- 1898 Publica *Le Superbe Orénoque*.
- 1899 Publica *Le Testament d'un Excentrique*.
- 1900 Publica *Seconde Patrie*.
- 1901 Publica *Le Village Aérien*.
- 1902 Publica *Les Frères Kip*.
- 1831 Descobrimto, por Faraday, da indução eletromagnética.
- 1837 Telégrafo.
- 1839 Borracha vulcanizada.
- 1841 Primeiro Princípio da Termodinâmica enunciado por Mayer.
- 1846 Descobrimto, através de cálculos matemáticos, de Netuno, por Leverrier.
- 1850 Segundo Princípio da Termodinâmica, por Clausius.
- 1857 Máquina de costura.
- 1858 Primeiro cabo submarino entre Europa e América.
- 1859 Perfuração do primeiro poço petrolífero, na Pensilvânia, e o evolucionismo, com a *Origem das espécies*, de Darwin.



- 1860 Análise espectral, de Kirchhof e Bunsen, que imprime um impulso gigantesco na astronomia e na astrofísica.
- 1861 Experimentos de Pasteur, que destroem as teorias da geração espontânea.
- 1865 *Introdução à medicina experimental*, de Claude Bernard.
- 1866 Leis da herança, de Mendel.
- 1867 Fotoimpressão, celuloide, descobrimento da assepsia cirúrgica e *O Capital*, de Marx.
- 1869 Canal de Suez e *Lei periódica dos elementos*, de Mendeleiev.
- 1871 Dínamo e *A origem do homem*, de Darwin.
- 1876 Telefone.
- 1877 Fonógrafo.
- 1878 Exploração da energia hidroelétrica e desfosforização do ferro.
- 1879 Lâmpada e bonde elétricos.
- 1880 Colhedoras mecânicas.
- 1881 Transporte da energia elétrica.
- 1882 Descobrimento dos bacilos da tuberculose, por Koch.
- 1884 Turbina de vapor e descobrimento do bacilo do tifo, por Gaffaky.
- 1885 Primeira travessia do Atlântico por um petroleiro e vacina antirrábica.
- 1887 Eletrólise.
- 1888 Alternador e transformador elétricos, motor à gasolina e ondas hertzianas.



1890 Pneumático para rodas.

1895 Raios-X, radiofonia e cinematógrafo.

1896 Dirigíveis.

1897 Descobrimento do rádio, pelos Curie.

1899 Teoria dos quanta, de Planck.

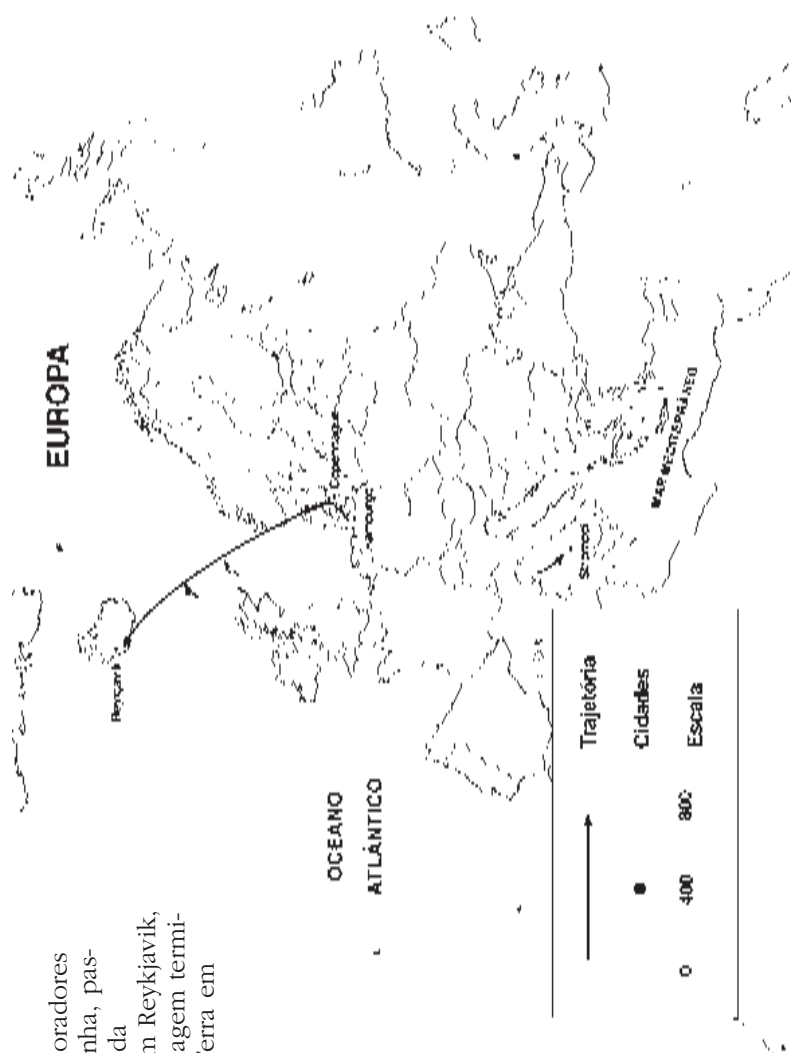
## *Roteiro de Leitura*



1. Quem morava na pequena casa de Konigstrasse, em Hamburgo?
2. Quem era o professor Lidenbrock?
3. Ao folhear a obra de um famoso autor finlandês, o que caiu de dentro do livro?
4. A quem pertencera o livro?
5. Axel descobriu a chave do enigma e revelou-a ao tio. No que consistia o enigma e o que revelou o documento?
6. O professor Lidenbrock resolveu fazer a viagem ao centro da Terra acompanhado de Axel. Quando chegou à Islândia, procurou saber mais sobre Saksussemm. O que descobriu?
7. Após a conversa com Fridriksson, o professor Lidenbrock decidiu chegar ao Sneffels por terra com a ajuda de um guia. Quem era ele?
8. Quando começou a viagem ao centro da Terra?
9. Qual foi a primeira dificuldade por que passaram na viagem?
10. Logo após esse incidente, Axel se afasta dos outros dois e se perde. Como reencontrou seu tio e o guia?
11. Em 10 de agosto, o que viram?
12. Para atravessar o oceano, Hans construiu uma jangada. Ao deixarem o porto que nome deram a ele? E ao mar?



- 13.** O que aconteceu na terça, 18 de agosto?
- 14.** Relacione as datas aos acontecimentos:
- (1) 19 de agosto ( ) a tempestade continua;
  - (2) 20 de agosto ( ) os viajantes depararam-se com um gêiser;
  - (3) 21 de agosto ( ) uma bola de fogo passa pela jangada, partindo o mastro e a vela e imantando tudo;
  - (4) 23 de agosto ( ) a jangada chocou-se contra os recifes da praia;
  - (5) 24 de agosto ( ) a viagem retoma sua monotonia;
  - (6) 25 de agosto ( ) começou uma tempestade.
- 15.** O que os exploradores descobriram em meio a mastodontes vivos?
- 16.** Que objeto Axel encontrou que comprovava que estavam no caminho certo?
- 17.** O que aconteceu no dia 27 de agosto?
- 18.** Onde eles voltaram a si?



Para chegar ao Sneffels, os exploradores saíram de Hamburgo, na Alemanha, passaram por Copenhague, capital da Dinamarca, e desembarcaram em Reykjavik, capital da Islândia. Quando a viagem terminou, eles saíram do centro da Terra em Stromboli, no Sul da Itália.

